



Chrys Chrystello

Aqui jaz a Cultura açoriana

O meu pai sempre me disse que era feio pedir ou pedinchar, mas é o que tenho andado a fazer há vinte anos em nome dos Colóquios da Lusofonia, porque vivo num país de ladrões, corruptos e pessoas para quem a bola é quase o único interesse nacional.

Quando se fala de leitura, de cultura, de literatura todos torcem o nariz dizendo umas patacoadas, na maior parte das vezes, pinoquiadas, pois nunca se editaram tantos livros e nunca houve tão poucos leitores, mesmo entre a classe dos professores que tem uma aversão generalizada à leitura, quiçá por traumas educacionais antigos.

Nos Açores, a Direção Regional da Cultura e a Secretaria desses assuntos debatem-se há anos neste paradigma de falar imenso sobre os apoios que dão sem mencionarem que não têm verbas para apoiar decentemente seja o que for, se o quisessem fazer, e mesmo isso é matéria de debate.

Dos escassos meios de que dispõem têm de satisfazer clientelas várias entre os votantes e – sem dúvida – a das filarmónicas é a que tem mais votos.

Livros, cinema, teatro, artes em geral ou em particular, congressos, colóquios, simpósios só mesmo os estrangeiros com nomes sonantes que para os outros são umas migalhas de centenas de euros ou pouco mais pois devem ser atividades elitistas com poucos votos a ganhar na distribuição eleitoral.

Apesar de termos editado livros, antologias, coletâneas, traduzido em 15 línguas autores açorianos, andarmos com eles pelas ilhas e pela Ibéria, Brasil, Galiza e Macau, musicado as suas obras, declamado os seus poemas, a Direção Regional da Cultura só não nos ignora totalmente por parecer mal.

Este ano porém, ignorou os pedidos de apoio formulados regulamentarmente em 2020 nas normas então vigentes.

Quando pedi uma audiência aos novos responsáveis tive-a após meses de insistência em que falei, em solilóquio, e apenas me disseram para reenviar os projetos pendentes.

Passados dias recebi a resposta INDEFERIDA POR SE REALIZAREM ESTE ANO.

Quando disse, “claro que se realizam este ano, eles são os pedidos do ano passado”, fiquei sem resposta e sem apoios.

Ainda pensei em fazer uma tourada com poesia declamada na arena, que parece ser mais do gosto dos dirigentes que andam a ferrar touros, mas não havia praça de touros disponível na ilha de São Miguel.

Podia aqui citar dezenas de pensadores como Edward B. Tylor, segundo a qual cultura é “todo aquele complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Num estudo mais aprofundado, Alfred Kroeber e Clyde Kluckhohn encontraram, 167 definições diferentes.

Clifford Geertz, discutia negativamente a quantidade de definições, e definiu



cultura como sendo um “padrão de significados transmitidos historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem o seu conhecimento e as suas atividades em relação à vida.”

Há uma relevante distinção entre cultura e entretenimento.

Segundo Mario Vargas Llosa o objetivo do entretenimento é divertir e dar prazer, sem referenciais culturais concretos.

Sendo assim, pode-se conceber que haja entretenimento sem cultura (é isto que temos em abundância).

As antigas culturas zelavam pelas suas tradições com o intuito de não perderem o registo de experiências vividas por aquele grupo, com o intuito de preservação da sua cultura.

Face ao que se passa nos Açores resta-me concluir que estamos numa nova era de dar “ao povo pão e circo” com base numa política para controlar a plebe, que incluía mecanismos de apaziguamento de descontentamento popular (como o circo, os duelos entre gladiadores, as feiras, e a distribuição de alimentos) e que mantinha a plebe controlada, adormecida e sem vontade de pensar.

E para nós, seres pensantes, nem uma còdea para não termos ideias.

Mas nem assim acabam connosco pois continuaremos a ter dois colóquios ao ano.

Pelo exposto e pelo que contam colegas da cultura, o mal é generalizado e daí o título desta crónica.

Fortunato Garcia prepara um Czar de mesa

POR RÓMULO ÁVILA, NO PICO

O produtor do vinho Czar, da ilha do Pico, Fortunato Garcia, tem entre mãos um novo projeto: produzir um Czar de mesa.

Ainda a dar os primeiros passos, Fortunato explica-nos que “o mundo dos vinhos é realmente um mundo grande, pois temos vinhos finos, vinhos comuns, vinhos premium, mas principalmente, e na minha opinião, temos vinhos ao nosso gosto”.

“Sendo um pouco conhecedor dos vinhos da nossa ilha, da capacidade de envelhecimento e da qualidade dos mesmos”, a vontade de produzir um Czar de mesa já vem de longa data, confessa, realçando que este era um sonho do seu pai,

José Duarte.

A verdade é que, produzir o “Czar, já é de extrema dificuldade, e retirar uvas para outro vinho, torna-se ainda mais complicado”, mas no ano 2020 as uvas com maturação disforme, fizeram com que na última vindima para o Czar tivessem de ser feita grande escolha e separação de cachos, pois havia uva passa e uva verde”.

Vinho fresco, com a pujança do Czar

Fortunato, em conversa com o Jornal do Pico, explica que “a uva verde, que não podia ir para o Czar, foi separada e nove baldes foram vinificados, resultando 130 litros de um vinho que nem pode ser cer-

tificado, que não tem nome nem rótulo, mas é diferente.

“A ideia inicial para o Czar de mesa sempre foi a de produzir um vinho fresco, à nossa moda, mas, ao mesmo tempo, com a pujança de um Czar. Se foi exagerada ou não, a pujança deste vinho, quem o provar o dirá”, assume o produtor.

Na sua opinião “é mais um vinho fora de caixa, que não será para todos os gostos. No entanto, é sem dúvida mais um vinho surpreendente que pode acompanhar pratos fortes de marisco, peixe ou carne”.

“Eu gosto e aconselho a ser bebido com moderação”, remata Fortunato Garcia.

*Exclusivo Jornal do Pico/
Diário dos Açores*

